

### **Escavações no Castro de S. Vicente da Chã (Barroso)**

No fascículo 1 do vol. XIX dos «Trabalhos» da nossa Sociedade, a páginas 79 e 80, demos notícia de uma verba de 5.000\$00, concedida pela Empresa Hidroeléctrica do Cávado (HICA), para uma primeira campanha de escavações no Castro de S. Vicente da Chã, situado entre Travaços da Chã e S. Vicente da Chã no concelho de Montalegre.

Como a albufeira da barragem de Pisões, irá submergir em parte o cabeço onde assenta o castro, dirigimo-nos (S. J.), à HICA, manifestando o desejo de que nele se fizessem escavações antes do enchimento da mesma.

Prontamente, e numa solicitude cativante, não só se fez uma visita de prospecção, na companhia do Sr. Dr. Carlos da Silva Lopes, Chefe dos Serviços do Contencioso e Expropriações da HICA e Conservador Adjunto dos Museus Nacionais, como foi concedida à Sociedade Portuguesa de Antropologia a verba acima referida, para uma primeira campanha de escavações.

É digna de louvor a atitude da HICA, em conceder o subsídio e outros auxílios, tais como transportes, instalações e materiais.

Aqui fica expresso o testemunho do nosso agradecimento à HICA pelos auxílios prestados à Sociedade de Antropologia.

#### **O Castro e a sua localização**

O castro é designado na região por «crasto dos mouros», e também «crasto do Duque». Fica no termo da freguesia de S. Vicente da Chã, concelho de Montalegre.

Era propriedade da família do Sr. P.º José Maria Gonçalves, reverendo pároco da freguesia de Beça, concelho de Boticas, a quem devemos (S. J.), as primeiras indicações referentes aos restos arqueológicos ali existentes.

O castro assenta num cabeço (Est. I, fig. 2) que é abraçado na maior parte do seu contorno pelo rio Rabagão.

Deste modo, o rio fornecia água aos castrejos e os defendia como trincheira natural, pelos lados norte, leste e sul. Do lado

poente há uma baixa, o «lameiro do crasto», por onde se pode fazer o acesso ao cabeço. Deste lado, a meia encosta do cabeço e numa extensão de cerca de 80 m, era patente um alinhamento de muralha derruída até ao rés-da-terra.

O cabeço está todo revestido de «monte», vegetação rasteira formada por sargaços, quirôgo, gestas, fetos, urzeira, carqueja e tojo.

#### Estado de conservação antes do início das escavações

Em 19 de Setembro de 1962, na companhia do Sr. Dr. Carlos da Silva Lopes, visitámos o castro.

A não ser um amontoado de pedras no lado poente, vestígio patente dum alinhamento da muralha a que já nos referimos (Est. I, fig. 3), e uma cova ovóide aberta num penedo de xisto, junto ao caminho vicinal que do lado sul leva ao castro, tudo o mais estava mascarado pelo «monte», que revestia todo o cabeço.

Uma prospecção rápida mostrou-nos alguns alinhamentos de pedras à flor da terra que pareciam indicar vestígios de construções antigas, nomeadamente algumas casas circulares e rectangulares.

#### Escavações

A campanha de 1963 foi feita de 1 a 10 de Agosto com 5 homens e 2 mulheres.

*Muralhas* — Pesquisou-se com cuidado o contorno das muralhas ainda patentes em algumas pequenas extensões na ponta leste e nos lados sul e poente.

No lado poente existem, quase no sopé do monte, porções duma muralha, a que chamaremos a 1.<sup>a</sup> muralha, formada por pedras bem justapostas e primorosamente aparelhadas no faziado da muralha. Muitas casas das aldeias de Travaços e de S. Vicente da Chã foram feitas com pedras arrancadas às muralhas do castro e especialmente a esta.

Acima desta uns 17 metros há, em alinhamento sensivelmente norte-sul, uma porção duma outra grossa muralha.

Ainda acima uns 15 metros e no mesmo alinhamento há vestígios de uma terceira muralha. Nela fizemos escavações de modo a reconhecer com precisão o seu alinhamento.

Um dos nossos trabalhadores, o Sr. António Alves, de Turgueda da Chã, lugar pertencente à freguesia de S. Vicente da Chã, disse-nos que, há uns 30 anos esta muralha estava ainda bastante conservada. Ele próprio, quando criança, se entreteve a rebolar pedras da mesma para o «lameiro» que está a nível inferior.

Na ponta leste há também indícios de existirem ali três muralhas: a 1.<sup>a</sup> a uns 30 m do rio, bastante destruída; a outra, uns 40 m acima desta, também bastante destruída; e a terceira 57 m acima é ainda bem visível, se bem que pouco ou quase nada saliente da terra.

Quer dizer: pela prospecção feita somos levados a crer que o castro era defendido por uma tríplice linha de muralhas.

Na parte mais alta do monte há mais uma muralha, ou talvez muro de suporte, já delimitada por nós externamente, na sua porção norte e oeste.

Na encosta noroeste afloram vários penedos, alguns dos quais devem ter sido incorporados no alinhamento das muralhas.

O lado sul do castro é formado por agreste e empinada ladeira rochosa, oferecendo excelentes condições naturais de defesa a um ataque que fosse tentado por este lado (Est. II, fig. 4).

Nas escavações que fizemos, delimitamos a 3.<sup>a</sup> muralha da encosta noroeste, quer na face interna, (Est. II, fig. 5), quer na externa (Est. III, fig. 8), numa extensão de cerca de 115 metros de comprimento.

Apresenta largura variável, que consoante os sítios é de 3<sup>m</sup>,40, 4 m, 4<sup>m</sup>,10 e 5<sup>m</sup>,60. Esta muralha na sua extremidade sul entesta num grande rochedo de xisto.

Nela deparámos com a base de uma rampa de acesso, implantada do lado interno, um pouco antes da porta que nela se abria, porta que foi destruída quase até ao alicerce.

Uma escavação especialmente cuidada ali prosseguirá para descobrir o alinhamento dos lados desta porta.

Em trabalhos ulteriores esperamos arrumar as pedras deruídas das muralhas que serão refeitas com os materiais dela caídos e que se encontram dispersos quer pela encosta, quer no «lameiro» subjacente.

Como dissemos atrás, o depararmos à superfície com pedras mais ou menos alinhadas, levou-nos à descoberta de sete casas e algumas paredes. Destas casas, três são circulares e quatro rectangulares.

Escavámos uma casa circular. Embora toda a terra que nela existia tenha sido crivada, não deu nenhum objecto de interesse arqueológico, nem sequer um singelo fragmento de cerâmica.

Esta casa tem 3,10 m de diâmetro interno, e parede de 0,5 m de espessura. A terra que a enchia foi escavada até ao «salão», numa profundidade de 0,75 m.

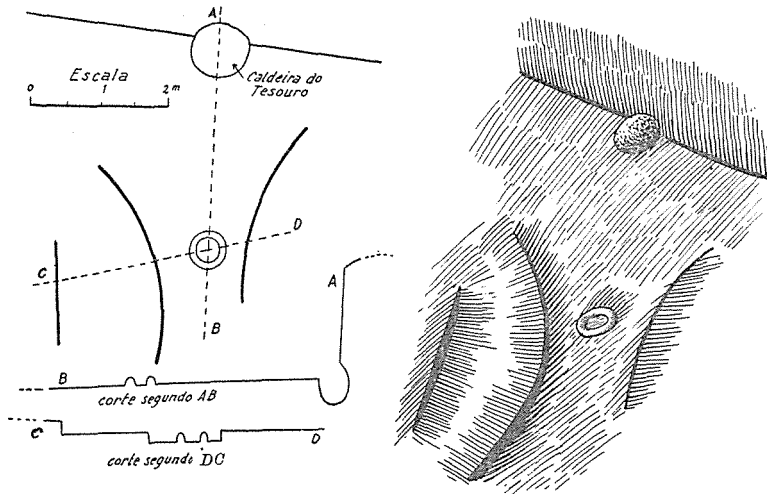


Fig. 1 — Planta do estranho monumento arqueológico, que o povo denominou *caldeira do tesouro*, e esboço da perspectiva do mesmo.

Na parte mais alta do monte, do lado norte, pusemos a descoberto um bom troço de muralha ou talvez pequeno muro de suporte, porquanto o limite do lado interno ou cimeiro, é difícil de definir. Pode bem ser que tal limite não exista em perfeito alinhamento, e, conseqüentemente, tratar-se-á dum murete de suporte. Só o prosseguimento da escavação esclarecerá este facto, isto é, se se trata duma muralha ou dum muro de suporte, como se afigura mais provável (Est. III, fig. 9).

*Caldeira do tesouro* — Na ponta sudoeste do cabeço, logo acima do caminho vicinal, que leva ao castro, existe um penedo de xisto que foi cortado a pico ou a cinzel, de modo a obter uma superfície vertical que faz ângulo recto com a superfície sensivelmente horizontal do mesmo penedo.

No encontro destas duas superfícies, foi aberta uma cova ovóide, que tem  $0,80 \times 0,70$  m de diâmetros de boca e 0,75 m de profundidade. O fundo é côncavo, em fundo de caldeira (Est. IV, figs. 10 e 11).

É voz corrente que quando os mouros dali foram expulsos, esperando voltar um dia, esconderam naquela cova as suas riquezas. Diz ainda a tradição que, quando aquela cova foi descoberta, «encontraram-na atulhada de grandes riquezas em ouro». E o nosso informador acrescentou: «saíram daqui sete mulas carregadas de ouro».

Daí o chamarem a esta cova a *caldeira do tesouro* (Fig. 1).

A superfície horizontal foi rebaixada numa grande extensão, deixando ficar um anel em relevo com 0,25 m de diâmetro interno.

O anel é grosso, com 0,10 m de largura e, embora mutilado, apresentava como maior altura uns 5 a 6 cm.

Dum lado e doutro deste anel há dois ressaltos arqueados, com os seguintes comprimentos: o da direita com 2,50 m e o da esquerda com 2,90 m. À esquerda deste e dele separado 1,50 m, existe um pequeno ressalto com 0,90 m de comprimento. As alturas destes ressaltos variam de 8 a 15 cm.

A primeira impressão que se colhe ao observar este monumento estranho, é a de que poderia tratar-se dum lagar, chamemos-lhe assim, local onde se pisariam e espremeriam, por exemplo, as uvas.

Mas naquelas alturas da Serra do Barroso, as condições climáticas não permitem a cultura da vinha.

Além disso, o estranho monumento é muito diferente dos monumentos conhecidos por «lagares» ou «lagaretas dos mouros», que existem em alguns castros.

Há pois que procurar para aquele estranho monumento, outra explicação.

Uma explicação fácil de dar, é a de que aquele lugar seria possivelmente usado pelos castrejos, para prestar culto a qualquer divindade.

Explicação fácil, mas vaga; tão vaga, que se presta às mais variadas interpretações.

Temos que confessar, e isso parece-nos preferível, que não sabemos interpretar tão estranho monumento.

*Cerâmica* — Bastante escassa e fragmentária. A maior parte foi encontrada do lado de fora da casa n.º 6, a uns 50 cm de profundidade e junto da parede.

Outra pequena porção apareceu na delimitação da face interna da muralha n.º 3, a vários níveis e em vários sítios.

Há cerâmica de pasta preta, castanha e vermelha, e fragmentos em que uma das faces é preta e outra é castanha.

Quatro porções de cerâmica apresentam cordão saliente ao longo do bojo.

Um outro com a espessura de apenas 4 mm, tem junto ao bordo superior na sua face interna dois sulcos paralelos ao bordo, separados por uma crista. Este mesmo fragmento apresenta na face externa sulcos longitudinais pouco profundos.

Há ainda um fragmento de cerâmica brunida com dois sulcos riscados paralelamente ao bordo e por baixo destes um riscado oblíquo.

Algumas dezenas de fragmentos são inteiramente lisos.

Uns fragmentos são de pasta mais fina e outros de pasta mais grosseira, granosa e micácea.

As espessuras vão de 3<sup>mm</sup>,5 a 13 mm. Esta última medida foi observada numa porção do bordo dum grande vaso.

Onze fragmentos têm comprimentos que vão de 9 a 17 cm. A maioria, algumas dezenas, têm comprimentos menores.

Com sete fragmentos conseguimos refazer a quarta parte da boca dum grande vaso, numa extensão de 21 cm e altura de 10 cm. A boca devia ter um diâmetro de 24 cm. O bordo deste grande vaso é muito revirado e ao longo do bojo, abaixo do colo 5 cm, tem um cordão saliente. Seria provavelmente uma espécie de grande cântaro ou pequena talha.

*Escórias* — Apareceram quatro porções de escórias na terra crivada da *caldeira do tesouro*. Duas são muito pequenas. As outras duas, um pouco maiores, cada uma com cerca de 50 g.

*Sementes encarbonizadas* — Junto das casas n.<sup>os</sup> 1 e 2 e a cerca de 1 m de distância há um muro de suporte que a escavação foi pondo a descoberto. Do lado de fora deste muro e a cerca de 65 cm de profundidade, apareceram numerosas bolotas encarbonizadas, sendo 32 inteiras, 409 cotilédones e mais de duas centenas de fragmentos. Estavam amontoadas num espaço de cerca de 25 a 30 cm de diâmetro, e com elas misturado algum carvão.

Enviámos alguns exemplares ao Sr. Dr. A. R. Pinto da Silva, distinto investigador da Estação Agronómica Nacional, que teve a gentileza de as estudar e sobre elas forneceu o seguinte parecer: «Todos os exemplares pertencem a uma espécie de *Quercus*, qual delas é impossível saber. Porém não é necessário que seja a *Q. ilex*, pois outras das nossas espécies têm, se não bolotas doces, pelo menos umas formas mais amargas que outras, segundo pude comprovar com as de *Q. robur*».

*Ferro* — Junto com as sementes encarbonizadas apareceu um pequeno fragmento dum prego de ferro, bastante oxidado, de secção rectangular, com 47 mm de comprimento e dobrado em gancho a 13 mm da ponta mais fina. Foi o único achado metálico.

### Lendas e Tradições

Diz-se que no «lameiro do castro», existente na base do cabeço, houve outrora uma fonte que brotava dum penedo. Junto dela teria sido desenterrada uma panela de barro, cujo conteúdo era apenas pó. O achador insensatamente despejou este pó. Se o tivesse levado para casa, ter-se-ia transformado em ouro.

Nesta e noutras credices do mesmo género, tem preponderância a transformação de materiais correntes, em ouro luzidio do mais fino quilate.

Há quem se recorde ter visto uma argola de bronze, cravada num penedo usada para prender os cavalos.

É voz corrente que no castro há enterrada muita riqueza.

Dizem os velhos que no alto do castro costumava aparecer uma velha a pentear o cabelo, que luzia como ouro.

Já referimos atrás, a crença de terem carregado sete mulas com o ouro encontrado na *caldeira do tesouro*.

Muito curiosa é a tradição, largamente difundida pelas redondezas, que refere o facto de certa moçoila ter sido namorada por um mouro, e dele ter tido um filho.

Eis como nos foi referida a tradição.

Próximo do monte do castro há uns «lameiros», que eram propriedade de determinada família, cujo nome especificam. Uma filha do proprietário dos mesmos, vinha para ali todos os dias apascentar o gado. Ela tomou-se de amores com um mouro, e dele teve um mourinho.

A gravidez e o parto subsequente, teriam passado despercebidos. Um dia, estava ela a amassar o pão, o leite começou a pingar-lhe dos seios. Os pais, intrigados, inquiriram a filha. Esta confessou-lhes que tinha tido um filho dum mouro e que o filho estava no castro com o pai.

Um irmão da rapariga, sempre munido dum sacho, trouxe-a espreitada. Num dia em que ela distraidamente catava o mouro no lameiro, vibrou uma violenta pancada na cabeça do mouro. Este antes de morrer, teria dito: «estragaste a fortuna da tua irmã».

Uma modalidade desta tradição difere apenas no desfecho trágico daqueles amores.

Esta modalidade foi-nos contada nestes termos: «Ela teve o menino, e o mouro querendo vê-lo, pediu-lhe que lho trouxesse. Ela trouxe-lho, e quando estava a catar o menino, o mouro matou-o».

Ainda como complemento desta mesma lenda, diz-se que um dia o mouro teria presenteado a rapariga com um cinto. Na altura em que lho entregou disse-lhe: «vai-te embora, mas não olhes para trás até ao cimo daquele monte». Como a rapariga não se contivesse e olhasse para trás, o cinto desapareceu-lhe das mãos imediatamente. É crença que tal cinto se teria tornado em ouro maciço se ela não tivesse olhado para trás.

Corre entre as pessoas daquelas redondezas, que noutros tempos foram achadas no castro «muitas libras em ouro».

Como remate damos a seguinte quadra que ali nos foi dita e que habitualmente cantam:

Adeus penedos do Crasto,  
Fontelas de marmôrais,  
Penedos de São Domingos.  
Adeus para nunca mais.

Esta quadra lembra uma outra que se canta na aldeia da Horta da Vilarça e certamente noutras povoações do mesmo vale, e que é assim:

Adeus vale da Vilarça  
Adeus ó fraga amarela.  
Tanto ouro tanta prata  
Que me fica dentro dela.

A «fraga amarela» é uma grande pedra de granito da encosta frágosa do lado leste do vale da Vilarça, junto da Quinta da Silveira, e fica perto do Castro do Baldoeiro, ou Civitas Baniense.



### Conclusões

O castro de S. Vicente da Chã é relativamente pequeno, pois, o diâmetro maior do reduto castrejo, área abrangida pela terceira muralha, pouco excede os 125 m.

Para a construção de casas nas aldeias próximas, dali foram levadas muitas dezenas, senão mesmo centenas de carros de pedras.

Daí a destruição até ao rés-da-terra de muralhas, muros de suporte e paredes das casas.

O monumento atrás referido com o nome de *caldeira do tesouro*, afigura-se-nos digno de especial registo.

Não conhecemos nada que se lhe possa comparar.

As escavações feitas demarcaram alguns troços de muralhas e puseram a descoberto 7 casas, 3 circulares e 4 rectangulares.

O espólio resultante das escavações foi relativamente pequeno. No entanto tem interesse o conjunto de sementes encarbonizadas a que atrás nos referimos e que confirma aquilo que os historiadores romanos nos dizem quanto ao facto dos castrejos comerem pão de bolota.

Convém prosseguir a exploração no castro, não só para se proceder à escavação das casas já isoladas, como também para pôr a descoberto outras que, cremos, devem existir soterradas. E assim, com um maior número de elementos arqueológicos, poderemos avaliar melhor da maneira de viver dos castrejos e da importância daquele castro, que poderá fornecer elementos arqueológicos de grande interesse.

Instituto de Antropologia, 18 de Novembro de 1963.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. de Antrop. da F. C. da Univ. do Porto

e

AGOSTINHO F. ISIDORO

Assist. Ext. da F. C. e Naturalista do Museu  
do Inst. de Antrop. «Dr. Mendes Corrêa»

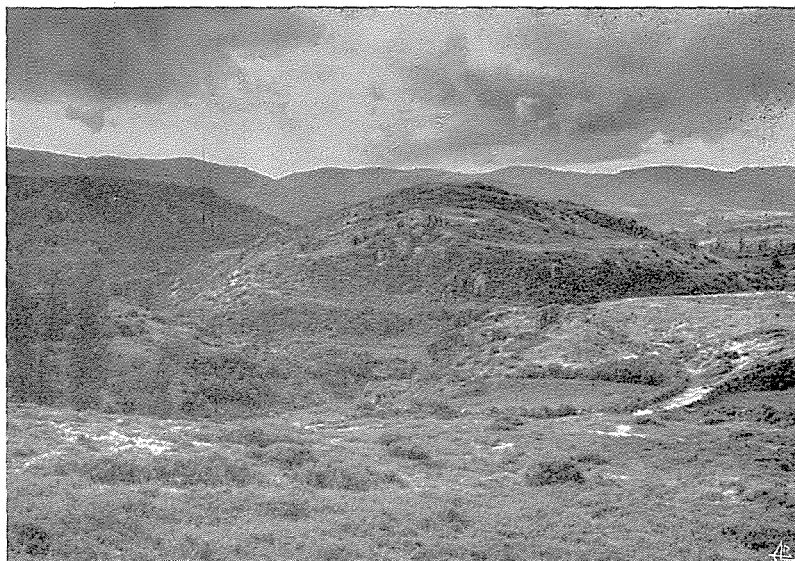


Fig. 2 — Aspecto do «monte do crasto dos mouros» visto do lado norte.



Fig. 3 — Aspecto do alinhamento da 3.<sup>a</sup> muralha, derruída até ao rés-da-terra, antes do início das escavações.



Fig. 4 — Fragada na vertente sul do castro, com naturais condições de defesa.



Fig. 5 — Alinhamento da face interna da 3.ª muralha, no início da escavação.



Fig. 6 — Uma casa circular escavada no seu contorno exterior.

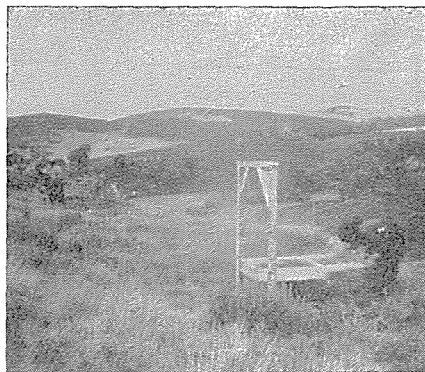


Fig. 7 — Ciranda que serviu para crivar a terra da casa circular escavada.



Fig. 8 — Alinhamento da face externa da 3.<sup>a</sup> muralha, no início da escavação.



Fig. 9 — Escavação ao longo do alinhamento que pode ser uma 4.<sup>a</sup> muralha, ou mais provavelmente murete de suporte.



Fig. 10 — Monumento da *caldeira do tesouro*.

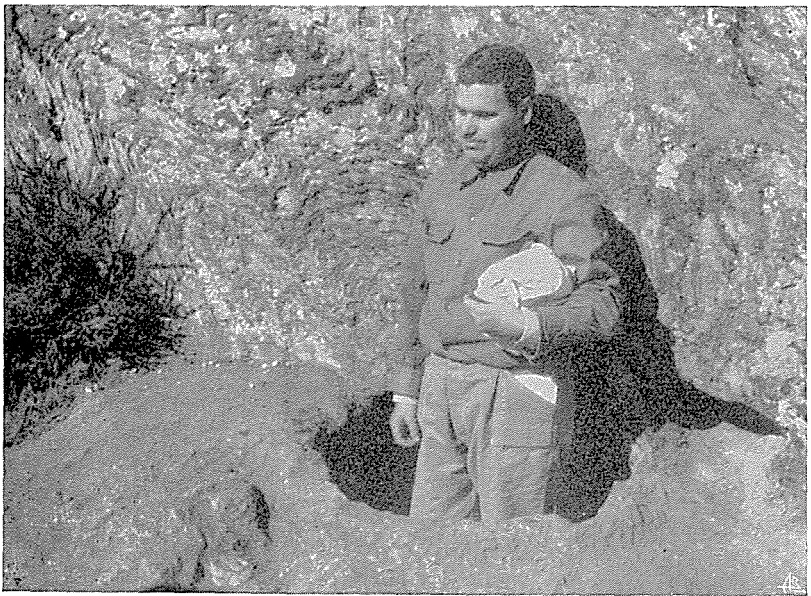


Fig. 11 — A *caldeira do tesouro*.